

Portugal em poemas de Gilberto Mendonça Teles

ELIZABETH MARINHEIRO

UFPB

Deixando-se de lado as implicações semânticas e filosóficas entre o ver e o olhar, sabe-se que a visão é um agente transformador do mundo: o olhar embrenha-se nas coisas, misturando-as e aproximando-as de todos nós. Sugerindo ou mapeando caminhos, parte em busca de novas significações; reconhecendo-se nos outros ou representando o que outros não enxergam, caminha lentamente para captar as minúcias do mundo. Daí, sua intimidade umbilical com o tema da viagem. Sejam deslocamentos ou distanciamentos, sejam no espaço ou no tempo, as viagens intensificam o exercício do olhar e ambos perseguem o sentido.

Não permitindo o atropelamento do imaginário pelo imediatismo dos clichês, a poesia de Gilberto Mendonça Teles (ou simplesmente GMT) sinaliza um vitalismo pícaro isento de moralismo e paradigmas estereotipados. Neste universo, o olhar sonha com a viagem e erra por geografias surpreendentes, naquela dispersão em que o viajante retém na memória objetos, paisagens, chegadas e partidas. É sua paixão pelo lugar. Sua poesia marcada pelo espaço.

Descortinam-se, aqui, os códigos temáticos proeminentes na obra de GMT: o ecológico, o cósmico, o urbano. Coloca-se, pois, a mimesis enquanto relação entre a realidade e a representação. Os três discursos, entretanto, não se esgotam no referente, ou seja, a transparência espacial é desfocalizada por um processo de enunciação que comanda as artimanhas do dizer. Desreferencializando a cartografia, o trabalho artesanal de GMT instaura as dimensões do lugar-ser.

No que tange ao *espaço urbano, objeto desta leitura*, “o espírito do lugar” também é controlado pelo subjetivismo enunciativo e pelo

ladrilhos. Protege colunas que aquecem "o sentido de sua própria exaltação" (73). Na Lisboa de GMT a estátua de Camões é a praça do poeta. Os andarilhos despejam milho do telhado. E na Marquês de Pombal os pombos da cidade arrulham a liberdade... (82-83).

Quando se apóia nas coisas, a lembrança é uma rede que se lança na foz do rio (66); ora é uma pedra jogada ao longe (68); ora, o arabesco dos arcos e vielas indizíveis (73). Não muito biográficos,⁷ os objetivos incorporam-se à poesia, evidenciando que "a mobilidade e a contingência acompanham nosso viver e nossas interações".⁸ É quando o *terno azul-marinho* e os retratos familiares formam uma "Galeria" (MP, 68) que fala o idioma natal.

Veja-se como a recordação precisa de uma janela para reviver: "Nalgum lugar uma janela / de novo espaço se articula", (MP, 137); nos versos "... no choro do menino ou da menina / e na roda de samba do Natal" (MP, 82), os elos familiares do passado, mais que experiência vivida, "dão assentimento à nossa posição no mundo, à nossa identidade".⁹ Os sonhos permitem voltar ao chão de origem. Neles, a cidade, seja Lisboa ou Goiânia, se mantém inteira. De infância ou de *madeira de lei* (MP, 137), a casa confunde-se com as lembranças e, personificando-se na visão, faz crescer a cidade.

Outros lugares são familiares ao sujeito poético, cada um dos recantos captados pelo olhar vinca sua comunhão com a paisagem que o cerca. A presença aérea de Portugal é o tema de Péripto (MP, 75), poema que celebra os Açores, a Madeira e Santa Cruz. Pela memória, o narrador-pícaro transforma o Algarve e o Douro, Évora e Bragança, Coimbra e Estremadura (MP, 76) em canção. Tudo fala ao viajante para quem cada espaço conserva seu poder, suas qualidades, sua individualidade.

Nos cenários de GMT, a cidade, implícita ou explícita, tanto é suporte temático como surge conotada por elementos físicos ou realidades sociológicas intimamente vinculadas ao ambiente urbano.¹⁰ Nesta cenografia furta-cor, o *voyeur* também está atento aos fermentos culturais do dia-a-dia. Entendendo que a literatura *tout court* observe elementos triviais, o poeta pretende, quem sabe, uma revisão das questões de gênero e/ou uma virada na "estrutura do sentimento". A adesão ao cotidiano é um imperativo do nosso tempo. Por esta clave, dá-se o relacionamento dos textos

com duas das variantes que meu *Projeto sobre Discursos acadêmicos e Discursos paralelos* chama, provisoriamente, de *nível sacral* e *nível trivial urbano*.¹¹

Ao longo de *Os melhores poemas* a burocracia universitária, as reuniões vazias, os conteúdos de certas aulas, o chá das cinco, os semáforos das ruas, a indústria do xerox e os Congressos de Literatura são objeto de chistes muito bem humorados. Uma rápida infração no campo do meu trabalho evidenciaria o registro cosmopolita embrenhando-se no espaço luso e/ou no localismo da expressão universal.

Voltando à temática portuguesa, aponto "Cidade" (72) e "Literatice" (81) como exemplos do *fait-divers* que não resvala para o "happining"...

Em "Cidade", "O melhor é ficar mesmo entre papéis" e "por mais que se lave e se beije / na convivência de uma casa de banho / tem sempre a forma de uma coisa táctil / no corpo-a-corpo da linguagem"; já em "Literatice", "A manhã portuguesa é mesmo / muito pequena para um poema: / Mal alguém começa a escrever / e pronto: FECHADO PARA ALMOÇO".

Os estilos de vida diária operam significantes triviais, mas não prometem a salvação... *O menu do homem nu* com mexilhões, amigas de amigas, barriguinhas de freira com fios d'ovos, vinho verde e outros acepipes, é emblemático de um olhar que anda nas ruas praticando a própria ironia. De um sujeito que olha com humor a realidade em torno, sem aderir à imediatez da contemplação descartável. Ao contrário do "espelho" que pressiona, tem-se a visão mnêmica solicitada pela subjetividade do olhar.

Os jogos de linguagem, artísticos (cf. "Degraus", 81) ou reatualizados, vinculam a artisticidade. Ao reapropriar-se dos discursos orais, GMT intelectualiza o mutante *mundo-colagem*. Versos do tipo "A língua portuguesa é do tamanho do mundo" e "Cá e lá / boas fodas há" são duas gralhas compatíveis com a emergência das montagens.

Quanto ao *nível sacral* "esqueço" o cordel e persigo as formas simples. Agora, os gestos verbais de André Jolles agenciam a cadeia que transforma Portugal em lugar *chez-nous*, imagem-símile do Brasil. A oralidade da escritura resulta fortalecida, mas não se atende às encomendas de receptores.

Para Bernard Mouralis, "As obras relativas à vida quotidiana e que constituem cerca de um sexto da produção total revelam a

¹¹ Remeto à p. 5 do nosso Projeto, bem como aos nossos livros *A intertextualidade das formas simples* (Rio de Janeiro: Olímpica, 1977) e *A bagaceira, uma estética da sociologia* (João Pessoa: Editora Universitária, 1979).

⁷ MORIN, Violette, in: BOSI, Eclea, p. 441.

⁸ BOSI, Eclea. *Memórias e sociedade; lembrança de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 441.

⁹ Idem, *ibidem*, p. 441.

¹⁰ THIBAUDET in SILVA, Vitor Manuel de Aguiar e. *Teoria da literatura*. Coimbra: Almedina, 1983, p 272-273.

existência de *um mundo* [grifo nosso] que não é aquele a que a tradição letrada nos habituou".¹² Para mim este *outro mundo* estará sempre povoado de lendas e "causos", provérbios e adivinhas, jogos e heróis dos fatos diários. É a hora em que a cidade torna-se física por fora e *mítica* por dentro. No *mapa-múndi* de GMT o imaginário coletivo encontra-se em íntima conexão com a memória do tempo. A perspectiva mnêmica, aquecida pela perspectiva eufórica, traz à cena, além dos ritmos e temas do cordel (cf. "Maria", 30; "História", 54; "Sintagmas", 61; "Umás e outras", MP-180), as *maravilhas* do espaço natural.

Por essa feliz evasão do olhar, recuperam-se o sabor da jabuticaba (MP, 96), as marcas-de-ferro (MP, 94), as canoas nas chuvas do Meia Ponte (MP, 120), enfim, o "menino correndo célere na chuva". O sujeito poético estira "os olhos fundos / à ponte dos quatro ventos" porque quer "o paraíso perdido / que a si mesmo sonegavam" (MP, 127). Tal busca, comparada à "espiral de desejos redemoinho pelos ares" (MP, 156), consubstancializa a infância do passado e realimenta as idéias de esfericidade.

Neste intermundo, um *caipora* montou num caititu e foi pro matto afora (MP, 95); as *simpatias* mandam "Pensar três vezes no nome dela / e em seguida pronunciá-la para dentro / como quem soluça ou engole / um caroço de ameixa" (MP, 111); o curandeirismo – chá de fedegoso, de catuaba, de jurema ou quebra-pedra – engendra *milagres*; as *crendices* no vodu (MP, 157) e na porta fechada a sete chaves intensificam a visão nômade. O acentuado comprometimento na enunciação de locuções (provérbios, ditos, *trait d'esprit*), (re)trabalhadas ou não, alimenta o veio maravilhoso e remetem aquelas coisas que "primeiro se eternizam nos meus olhos, / depois se reinventam, se revelam / serenas no seu verbo inusitado" (MP, 39).

No intermundo, sacis e caiporas, silfos e gnomos cruzam-se com o rato que "se transformou em Camongo, / Camões de roça e quintais" (MP, 106); ainda nas sextilhas deste cordel *letrado* as "artes de satanás" podem ser encontradas dentro de "tinteiro". E tudo é *felicidade*, se considerarmos que "No início ou no fim (tudo é fenício)" (MP, 173). Em "Ser tão Camões" (MP, 89), o discurso do rio "resiste à travessia da memória" e o Saci não passará "destes vedados térmicos. Goiás!"

A visão alquímica persiste em *Plural de nuvens*, que, sugestivamente, termina com o poema "Mitofagia" (90). Transcendendo os textos-homenagem ao espaço-berço, "Mitofagia" mostra que, nos movimentos do disco, semântica cosmopolita sacral fundem-

se na tópica do regresso. As marcas brasileiras no estrangeiro e os pedaços de terra natal espelhados pelo mundo refazem a terra-longo. Sertão goiano, avenidas de Nova Iorque, praças de Lisboa semantizam o olhar que gira para retornar ao tempo feliz.

Os elementos conotados com o regresso e a euforia tornam-se paisagens-símile e, mitificados através da memória, fundam o "todo de ambigüidade e de incerteza" (PN, 92). O todo, resultante da fusão urbano/mítico, nega cartografias e afirma o atemporal. A própria amarração topológica é suporte do imaginário utópico, no qual cidade, liberdade e vida saudável são palavras-chave. Concebido miticamente ou elaborado sob diversas ideologias, o espaço-paradigma retoma o não-lugar das utopias.

D. Sebastião ou D. Quixote, D. João IV ou Sidônio Pais, Fernando Pessoa ou Camões, na Europa ou no Brasil, em Lisboa ou Goiás, Poeta ou Saci, "Mitofagia" consoma a metáfora dos *mirabilia-lugar*, por excelência, do mágico e do maravilhoso.

Sei que sou desejado (o indescoberto
que se infiltrou nas raças e nas roças);
não sei se sou Camongo ou se Gilberto,
sei que as minhas saudades são as vossas.

A saudade, materializada na revisitação dos lugares e manifesta na evolução do passado, é o avesso do desejo. Desejo de voltar, de retornar sempre aos espaços que, unificados pela sensação memorizada, ganham dimensões primordiais porque engastadas no simbolismo geral do *lugar iniciático*.

Dois textos seriam o suficiente para demonstrar que na viagem do poema, partir-ficar integram a mesma cadeia "porque partimos sempre do começo" (MP, 1175). Vale dizer que convocados circularmente, o *urbano* e o *mítico* não engendram oposições. Conciliadas simbolicamente, a circularidade plástica de "Mapa-múndi" (MP, 169) e a circularidade semântica de Eterno retorno (PN, 89) dizem a felicidade que se deseja resgatar: em Santiago de Compostela tenho saudade de Lisboa; em Lisboa tenho saudade do apartamento do Rio; no Rio quero a casinha de Goiás; em Goiânia olho os caminhos de Santiago e tenho "saudade do tempo em que estava / vendo terras de Espanha, / areias de Portugal" (PN, 89).

Só mesmo a força desse olhar pode conduzir uma viagem a um mundo à parte. Só esse olhar permite, ao mesmo tempo, a reatualização dos mitos no encanto do poema.

¹² MOURALIS, Bernard. *As contraliteraturas*. Coimbra: Almedina, 1982, p. 48.

IV

Sabe-se que o mundo é um *continuum* caótico. Descontínuos são os sonhos, as viagens e o olhar do poeta que não pretende a ordenação cósmica. Não sinto a poesia de Gilberto Mendonça Teles como o gesto prometeico ou paródia de ordenamento do mundo.

Se por uma chave a metaforização espacial consubstancializa o mito da terra-longe, por outra, liga-se às conotações da palavra e do pensamento.

É *vendo* que este poeta *diz*. Portanto, seus códigos cosmopolitas, urbanos, periféricos, míticos etc. trituram-se ao longo da caminhada, aterrissando na metalinguagem, guia iluminado dos seus giros:

"Divido a minha dívida nas letras / dos mais diversos câmbios de expressão. / No espaço um tanto ambíguo do meu giro / se cruzam e se ofertam capitais / dicções, contradições e perdigotos" (MP, 73).

Signos recorrentes como letras, câmbios, expressão, espaço, ambíguo, giro, capitais e dicções denunciam as inúmeras possibilidades do seu verso. Conotam uma estética que se funda nas "capitais" da ambigüidade. Conotam, mais ainda, uma travessia no espaço de LOGOS, onde o poema é *começo e fim* da viagem que não aconteceu. Nos volte-face gilbertianos (ou na não-viagem), Portugal é o espaço essencial da revelação! Ou "o azul solar da epifania" (PN, 90).

Finalmente, quero realçar as grandes pinceladas da geografia cambiante de GMT. Paixão/cidade e paixão/espaço selam o código-mestre de um "virtuose" que instiga o prazer sem penalizar a arte. Permanece a ruptura. Apoiando-se na cultura popular, particularmente nas vertentes *sacral e trivial*, o poeta estabelece a intercomunicação das formas institucionais e paralelas. Os jogos de linguagem, o *laissez-faire*, os idioletos particulares entram para flexibilizar a enunciação.

Infensa ao "mundo" e aos desordenados montões de significantes, a poesia de GMT enraíza-se na vida diária sem fazer o retorno do mesmo... Suas microtexturas, tenham elas o sotaque sacralizado das formas simples ou a emergência da trivialidade urbana, produzem o impacto instantâneo. As calças *jeans* desbotadas no azul (MP, 147), as aulas com Lacan e Freud (MP, 149), enfim, todo um perfil semiológico da cidade pode ser extraído da poética gilbertiana.

As curvas de Brasília (MP, 97) as ladeiras de Mariana (MP, 144), as brumas de Bretanha (MP, 159), a barca cantareira (MP, 1147) e o trânsito do Rio (MP, 178) consolidam o espaço cosmopolita, que

encontra exemplo definitivo nos poemas BREIZH-IZEL (MP, 163) e ET TOUT LE RESTE (MP, 176), indicadores de que as leituras são elementos multiplicadores do espaço.

O livre trânsito entre a elaborada escrita e a construção parodística; as idas e vindas do simulacro ao plural cosmopolita significam um encontro do moderno com o pós-moderno. A viagem do poeta é no *duplo-código*. Seu olhar é o *poder-discurso*. Portugal é o não lugar.

Referências bibliográficas

- CONNOR, Steven. *Cultura pós-moderna*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1993.
 LINCH, Kevin. *A imagem da cidade*. Lisboa: Edições 70, 1996.
 PONTIERI, Regina Lúcia. *A voragem do olhar*. São Paulo: Perspectiva, 1988.
 SEIXO, Maria Alzira. Lisboa. *Colóquio Letras*, n. 134, p. 111-125, 1994.